



ESTEREOTIPAÇÃO DA MULHER NA CRÔNICA: *DOIDAS E SANTAS*, DE MARTHA MEDEIROS

Vanessa Ohanna Ferreira Brandão

Universidade Federal de Campina Grande - hanninha2@hotmail.com

RESUMO: O artigo vem abordar questões como os estereótipos femininos na crônica “Doidas e Santas”, da escritora Martha Medeiros. Deseja-se compreender a constituição dos mesmos em nossa sociedade, e formas de evitá-los. Como pressupostos teóricos utilizados para a discussão desse tema, temos MARTINEZ (2016), PEDRO (2006), MEDEIROS (2008), SCHMIDT (2006), entre outros. Então, problematizando as práticas e representações de gênero dentro dos estudos literários. Como metodologia adotada, realizamos um estudo analítico da crônica “Doidas e Santas”, do livro *Doidas e Santas* (2008), de Martha Medeiros. E a literatura e os estudos culturais vêm nos permitir discutir questões como essa. Em que independente da condição sócio econômico que a mulher possui, e o contexto cultural que está inserido, ela dialoga com as mesmas perspectivas de pensamento, lutando em busca dos mesmos ideais, pois passam pelas mesmas problemáticas do universo feminino. Portanto, concluímos que assim como a autora Martha Medeiros, e vem-se através dessa crônica realizar uma “desconstrução” dos estereótipos, ressaltando e valorizando a mulher, tão importante dentro e fora dos livros.

Palavras-chaves: Mulher, Estereótipos, Crônica, Desconstrução.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que ao longo da história da humanidade, o movimento feminista foi crescendo e expandindo entre fronteiras, e com isso as questões que perpassam os estudos dentro e fora do meio acadêmico vão sendo argumentadas e propagadas por intelectuais e pesquisadores dessa área, que buscam dentro do contexto sócio cultural contemporâneo, evidenciar fortemente a prática de gênero, buscando as identidades sociais de gênero e sexualidade.

Isso ocorre nos meios literários, e, portanto merece o devido destaque, em

uma sociedade que possui uma disparidade entre homens e mulheres, é fundamental desconstruir certos conceitos e propor modos de subjetivação adequados, principalmente relacionado às mulheres, esses indivíduos dotados de intenso poder mental e corpóreo.

Em um sistema rígido, onde temos uma sociedade patriarcal, machista e preconceituosa, onde impera a relação de dominante e dominado, encontramos uma sociedade de controle. Com isso são criados os estereótipos femininos, tão evidenciados pelos mesmos, e fortemente



criticados pelas mulheres que sofrem deles. Em um mundo tão complexo e globalizado como o nosso, onde se perpassa múltiplos discursos para justificar que ocorra tal fenômeno, deve-se estar atento a essa linguagem empregada socialmente, e assim buscar uma projeção de um discurso mais igualitário e coerente, tornando tudo mais harmônico.

Quando se fala em questões como essa, não podemos deixar de lado que esses rótulos estão enraizados desde o início da humanidade, como relações de poder, em que um grupo é “superior” ao outro. Por isso, adentrando o universo feminino, em que é alvo de constantes polêmicas, é o que esse trabalho vem contribuir com os estudos nessa área à medida que propõe reforçar os novos olhares sobre as mulheres.

Para que isso ocorra, veremos que os estereótipos de gênero estão presentes não somente na sociedade, mas também reflete na nossa literatura brasileira, em que o universo literário encontra fortes traços disso, precisando que a escrita feminista de autoras contemporâneas, como a utilizada nesse artigo, analise o porquê de algumas construções, e debata sobre gênero, que como se sabe vai além de um mundinho cor de rosa, uma conscientização constante da liberdade de expressão e pensamento dessas furiosas.

Feminismo e Estereótipos

Segundo Joana Maria Pedro (2006, p. 271-272):

34 Entendo como “feminismo liberal” o movimento que luta pela promoção de valores individuais, pela igualdade entre homens e mulheres, e que reivindica leis que promovam essa igualdade completa. Como “feminismo radical”, a luta contra o sistema patriarcal e as formas diretas e indiretas de poder falocrático. Muitas delas defendem a necessidade de um “separatismo radical”, negando aos homens o direito de falar em nome das mulheres. Como “feminismo marxista”, aquele que afirma que a verdadeira liberação das mulheres somente ocorrerá num contexto de transformação global.

Como podemos observar nas suas palavras, que esses três tipos parecem estar separados, mas está enganado, pois eles se entrelaçam entre si, construindo uma grande teia, em que todos estão envolvidos em um amplo processo cultural e histórico.

São encontrados esses feminismos no universo feminino, refletido na escrita de escritoras, como a desse estudo, a Martha Medeiros, que argumenta e se posiciona na luta dos gêneros, de como as mulheres podem se impor perante uma sociedade masculina, diminuindo ou



extinguindo certos rótulos.

Já dizia Schmidt (2006, p.765):

Estou me referindo à assimilação de algumas idéias pelo senso comum esclarecido, as quais se cristalizam na representação do feminismo como um movimento extremista e libertação das mulheres (Women's Lib) sustentado por uma ideologia homofóbica, monolítica, autoritária, engessada na história passada e, o que é pior, empenhada na transformação da mulher, destituindo –a de suas características femininas.

Como sabemos que para toda regra existe exceções, a maioria dos homens, pensam e tem um forte discurso sobre o movimento feminista como percebesse acima, ou seja, antifeminista, o que implica na criação dos rótulos que analisaremos mais adiante.

Nesse discurso, marcado de um poder sociocultural construído ao longo do tempo, ainda marcado de um binarismo entre dominante x dominado, na qual impera o uso inadequado no emprego dessa linguagem, emitindo juízos de valores em suas comunicações, sendo preconceituoso, e, portanto discriminando a mulher. Eles perpassam nos estudos literários, pois a partir do

momento que se aborda as questões relacionadas a gênero, não podemos deixar de lado relações de dominação, de acordo ainda com Schmidt (op, p.775):

É na perspectiva das redes de dominação presentes na história social brasileira e da persistente atualização da tradição de um pensamento patriarcal e conservador em descompasso com as articulações do pensamento crítico contemporâneo sobre hegemonias e suas violências epistêmicas que se pode avaliar a função do discurso cultural e de suas representações simbólicas na domesticação e controle das tensões no campo das relações sociais, não só com relação à questão da mulher, mas também com relação ao negro e ao índio.

O discurso cultural estabelecido influencia diretamente na consolidação de uma identidade feminina, onde as mulheres que “rompem” com esse sistema, serão consideradas “fora do padrão”, e que não possuem um pensamento linear, ou seja, divergindo com o todo.

Todos esses fatores externos perpassam nos textos literários, dependendo de quem escreve as obras, temos um direcionamento ao leitor que



pode ser feito por um homem ou uma mulher.

Agora que já vimos como o feminismo contribui para esse estudo, é importante que compreendêssemos o que seriam esses estereótipos de fato, essa terminologia também passou por diversas alterações ao longo da história da humanidade, mas ficaremos aqui com uma conceituação ampla, que serve para esse contexto de gênero.

Uma definição geral é encontrada nas palavras de Martinez:

Pode-se definir **estereótipo** com o sendo generalizações, ou pressupostos, que as pessoas fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais específicos ou tipos de indivíduos. O estereótipo é geralmente imposto, segundo as características externas, tais como a aparência (cabelos, olhos, pele), roupas, condição financeira, comportamentos, cultura, sexualidade, sendo estas classificações (rotulagens) nem sempre positivas que podem muitas vezes causar certos impactos negativos nas pessoas.

Eles podem ser de tipos diversos, entre eles: Raciais e étnicos, socioeconômicos, musicais,

gênero, etc. Aqui ficaremos com os estereótipos de gênero, uma vez que nosso enfoque está baseado nele e na sexualidade dos sujeitos, nesse caso o feminino. Ainda nas palavras da mesma, o que vem a ser esse tipo de estereótipo:

São estereótipos direcionados ao gênero masculino e feminino. Antigamente ouvia-se muito que o papel da mulher era casar e ter filhos e o homem era visto como o provedor financeiro e tinha que focar em sua carreira. Hoje estes estereótipos já não são tão predominantes como era há alguns anos atrás. Felizmente a mulher conquistou seu espaço no mercado de trabalho, e consegue fazer perfeitamente o seu papel de cuidar dos filhos e da casa, como também cuidar de sua carreira profissional. Os homens hoje, também não são tão cobrados na questão financeira, uma vez que suas parceiras ajudam nas despesas, e são ótimos auxiliares na arrumação da casa. Outros estereótipos de gêneros muito comuns são aqueles que dizem que as mulheres são melhores para cozinhar do que os homens. No entanto, os melhores chefes de cozinha do mundo são homens. Há ainda aqueles estereótipos que dizem que "os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor", "mulher no volante perigo



constante", e outros estereótipos que estão associados ao preconceito.

Observa-se com essa definição que a configuração da mulher foi sendo modificada, deixando de ser “objeto de dominação”, para ser “sujeito dominante”. Como se vê a igualdade de gêneros está acontecendo, mas continua se em busca da totalidade.

Outra questão é de que como esses estereótipos interferem de forma negativa nos indivíduos, sendo utilizados de forma pejorativa por uma pessoa ou grupo, gerando assim um preconceito, onde esses são construídos maldosamente, geralmente com as minorias e como se observa que esses rótulos ainda precisam ser deixados de ser falados e praticados, pois tem como consequência a discriminação e violência simbólica, nesse caso, das mulheres.

Já na visão de D’Amorim:

O estereótipo de gênero é, pois, o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas. Adotando um enfoque cognitivo e social Ashmore e Del Boca, (1986), consideram os estereótipos de gênero como parte da teoria implícita da personalidade construída pelo indivíduo e

conservada na memória, como parte do seu sistema geral de valores.

Quando falamos na estereotipação da mulher, percebemos que existem inúmeras maneiras de aparecer, como vimos são construídos culturalmente por uma sociedade, que vão desde os mais simples até os complexos.

Alguns estereótipos usados frequentemente são: “Tatuagem é carimbo de puta”; “Não existe uma situação ruim, que uma mulher não seja capaz de piorar”; “O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris”; “Essa mina é louca”, Lugar de mulher é no fogão”; “Ela paga de Santinha!”; “Essa é para casar”.

Essa forma tão esdrúxula de banalização da mulher, sem entender o universo feminino, acentua cada vez mais esses rótulos. Como ser mulher não tem somente a ver com as características psicológicas, mas também morais, sociais, comportamentais, ou seja, suas “atitudes” que levam a caminhos distintos nesse horizonte da vida.

Analisando...

É nessa desconstrução do gênero, por meio desses aspectos gerais anteriormente discutidos, que iremos analisar o seguinte estereótipo: o que é ser uma mulher doida e santa? na crônica “Doidas e Santas”. Ela que é escrita em 13 de abril de 2008, e vem nos revelar justamente esse título chamativo. É uma crônica humorística, pois tem que ter algo



que chame a atenção do leitor, através de humor. A linguagem é próxima do informal, e traz uma visão irônica ou cômica de fatos apresentados.

O título da narrativa, “Doidas e Santas”, é bastante criativo e polêmico, porque leva ao leitor a se questionar quem são essas mulheres, que parecem estar em uma dicotomia no perfil da mulher, entre serem doidas ou santas. Como se veem e a sociedade rótula.

O início é marcado de intertextualidade, com o poema: A serenata, de Adélia Prado. Nele a poetisa aborda de maneira lírica, que está à espera do seu amado, em um dilema de dois caminhos a se escolher, se vira doida ou santa. A crônica de Martha Medeiros começa justamente com esses versos: “Estou no começo do meu desespero / e só vejo dois caminhos: / ou viro doida ou santa.”. Em seguida, tem o seguinte fragmento:

Narra a inquietude de uma mulher que imagina mais cedo ou mais tarde um homem virá arrebatá-la, logo ela que está envelhecendo e está tomada pela indecisão - não sabe como receber um novo amor não dispondo mais de juventude.
(MEDEIROS, 2008, p.211).

Nesse momento, a mulher está inquieta e “indecisa” porque no cotidiano feminino, a “beleza” está como marca de todas, e os padrões estéticos rigorosos e ideais são impostos pela sociedade, e elas acreditam que muitas mulheres mais velhas, não podem mais viver um amor, por não estarem com mais tanto vigor e poder de atração tão perfeito do que uma mulher jovem. Portanto, tem em suas mentes e corações de que já ultrapassaram a idade de acontecer o amor. O que não é verdade, pois o que importa verdadeiramente é a sua essência. Vemos que o envelhecimento, ou seja, a velhice é um marco na vida feminina, e diferentemente da sua juventude, ela carrega toda uma saudade desse tempo de conquistas, que é marcada pelo seu tom melancólico nas suas palavras.

Outro aspecto interessante é a forma que a narrativa termina nesse momento, com a retomada do poema de Adélia: “De que modo vou abrir a janela, se não for doida? Como a fecharei, se não for santa?”. Temos aí um momento reflexivo, em que a mulher se posiciona de forma que tem duas escolhas a serem feitas. A primeira de ser Doida, por abrir a porta, isso remete a ideia construída ao contexto histórico social, que desafiava o que era imposto pelas famílias e a



sociedade de ser prometida ao pretendente, esse abrir indica a ideia que ela está “livre” e “entregue” ao amor. Sendo considerada doida, por quebrar as regras estabelecidas. Já a segunda escolha, é de ser Santa, por fechar a porta, ou seja, a mulher tradicional, comportada, que existia antes em nossa sociedade, estando, portanto “presa”, e não podendo se relacionar com seu amado, de própria vontade. Assim, temos um “abrir e fechar para o amor”, em que essa mulher do poema, e já passando para o texto literário, vai ter que decidir o que ela quer para o seu coração.

A crônica continua com um tom humorístico, no fragmento abaixo, observa-se um elogio a poeta e uma definição “exata”, que talvez não aconteça na realidade:

Adélia é uma poeta danada de boa. E perspicaz. Como pode uma mulher buscar uma definição exata para si mesma estando em plena meia-idade, depois de já ter trilhado uma longa estrada onde encontrou alegrias e desilusões, e tendo ainda mais estrada pela frente? (MEDEIROS, 2008, p.211)

Pode-se dizer que por mais experiência amorosa de vida que essa mulher tenha, marcada de alegrias e desilusões, ainda não é capaz de conceituar a si própria tão precisamente, pois ainda tem um futuro incerto para viver.

A dualidade entre Razão *versus* Emoção vem desde o século XVI, com o Renascimento, dentro dessa configuração, as mulheres são mais caracterizadas por serem mais emocionais, mas também se utilizam do racional para exporem suas ideias, o que muitas vezes em seus posicionamentos racionais são julgados e deturpados, o que não é correto. No fragmento, a seguir:

Se ela tiver coragem de passar por mais alegrias e desilusões – e a gente sabe como as desilusões devastam – terá que ser meio doida. Se preferir se abster de emoções fortes e apaziguar seu coração, então a santidade é a opção. Eu nem preciso dizer o que penso sobre isso, preciso? (MEDEIROS, 2008, p. 211)

Atenta-se justamente a essa dualidade existente, em que a mulher, para a cronista, se usar o Emocional é doida, e se usar a Razão, é santa. Apesar de defender a razão, é evidenciada a negação que faz com as mulheres santas, pelo tom irônico com que termina em forma de interrogação, como se não devesse opinar em algo já fixo em suas ideologias.

No fragmento:

Mas vamos lá. Pra começo de conversa, não acredito que haja uma única mulher no mundo que



seja santa. Os marmanjos devem estar de cabelo em pé: como assim, e a minha mãe??? (MEDEIROS, 2008, p.211)

Nessa configuração do cotidiano feminino, defendemos que: Toda mulher é um pouco doida. Inclusive a própria cronista Martha Medeiros, e que através do questionamento feito, os homens têm uma visão muito engraçada, de ver as mulheres, muitas vezes rotuladas de “doidas”, “malucas” “loucas”, “psicóticas”, “histéricas”, mas esses mesmos sujeitos que proferem esse discurso machista, não admitem que mexam com suas mães, temos assim uma idealização da figura materna, da Mãe, como Santa; dignas de respeito por serem suas progenitoras, e não serem como as outras mulheres com quem têm relações amorosas ou sexuais. Esse culto da figura materna, em detrimento de outras mulheres, relaciona-se com o estabelecimento do cristianismo e a adoração à Virgem Maria, mãe de Cristo.

Um aspecto interessante é a linguagem informal e expressões do cotidiano típicos de uma crônica, o emprego de “vamos lá”, indicando uma progressão de ideias; “pra”, em vez de usar “para”; e a gíria “marmanjos”, no lugar de homem adulto, que significa pessoa do sexo masculino que não faz nada e é sustentado pelos pais. Essa

expressão é uma forma pejorativa de se referir a homem adulto, e por tanto, revela um posicionamento da autora em relação à forma como esses homens se comportam em relação às mulheres, de maneira “inadequada”.

Encontra-se ainda em nossa análise um diálogo com o leitor masculino, de maneira informal e direta, fazendo com que as concepções masculinas sejam derrubadas, e passem a olhar suas mães, como um dos lados, que estão presentes nas mulheres:

Nem ela, caríssimos, nem ela. (MEDEIROS, 2008, p.212)

Dentro desses vários lados da mulher, um tipo bem comum, é o da mulher cansada, que não é mais uma doida, e se “acomodou” na vida insignificante que leva. No fragmento:

Existe mulher cansada, que é outra coisa. Ela deu tanto azar em suas relações, que desanimou. Ela ficou tão sem dinheiro de uns tempos pra cá, que deixou de ter vaidade [...] Guardou sua loucura em alguma gaveta e nem lembra mais. (MEDEIROS, 2008, p.212)

O duplo perfil feminino continua sendo polemizado, saindo em defesa das mulheres doidas, e ironizando as mulheres



santas, dizendo que nem as mães são esse tipo. Mais uma vez, em um tom de humor e ironia, tentando desconstruir com o leitor, diz o seguinte trecho:

Santa mesmo, só Nossa Senhora, mas, cá entre nós, não é uma doideira o modo como ela engravidou? (Não se escandalize, não me mande e-mails, estou brin-can-do.) (MEDEIROS, 2008, p.212)

Pelo trecho acima, temos uma citação explícita a uma referência de mulher santa da Igreja Católica, ela que é considerada pelos católicos como sendo a mãe de Jesus Cristo e engravidou pelo Espírito santo, mantendo-se virgem e pura. A concepção de mulher santa chega à crônica até nas concepções religiosas, podendo ser aceito ou não de acordo com o sujeito que segue ou não essa doutrina da igreja. A autora, até certo ponto, questiona essa versão, pois afirma que é uma grande loucura a forma como a santa engravidou, então, a loucura estaria presente até mesmo na santidade da Virgem Maria. Depois, como sabe que este é um dogma não questionado pelos fiéis, diz ironicamente estar “brin can do”, como forma de se eximir das críticas que poderia vir a receber por problematizar tal assunto sagrado. Ao fazer isso, Martha Medeiros aproxima a representação de Maria santíssima com todas as mulheres

comuns que são julgadas como doidas.

A crítica feminista vem nos mostrar que a mulher passou por diversas transformações ao longo do tempo, segundo RAGO (2004, p.31) afirma que:

Ser mulher, até aproximadamente o final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçãoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental.

A Medicina do século XIX contribuía para uma visão biológica, as mulheres deveriam passar por todo um sofrimento biológico, para assim corresponder ao ideal romântico masculino projetado sobre suas vidas, é nesse ponto que a crítica feminista se posiciona totalmente contra esse fator biológico, que determinava e influenciava diretamente no cotidiano feminino, e alterava o perfil feminino, que era de “dominada” e “submissa”. Na crônica, percebemos essa teoria narrada nesse fragmento:

Toda mulher é doida. Impossível não ser. A gente nasce com um dispositivo interno que nos informa desde cedo que, sem amor, a vida não vale a pena ser vivida, e dá-lhe usar nosso poder de sedução para encontrar “the big one”, aquele que será inteligente, másculo, se importará com nossos sentimentos e não nos deixará na mão jamais. Uma tarefa que dá para ocupar uma vida, não é mesmo? Mas além



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

disso temos que ser independentes, bonitas, ter filhos e fingir, às vezes, que somos santas, ajuizadas, responsáveis, e que nunca, mas nunca, pensaremos em jogar tudo para o alto e embarcar num navio pirata comandado pelo Johnny Depp, ou então virar uma cafetina, sei lá, diga aí uma fantasia secreta, sua imaginação deve ser melhor que a minha. (MEDEIROS, 2008, p.212).

Primeiramente, ela conceitua e defende a mulher doida, com exatidão. A expressão “dispositivo interno” é biológica, logo contra a nossa corrente teórica utilizada, pois compreendemos as chamadas “questões femininas” como fenômenos culturais. É a cultura que ensina às mulheres que a vida sem amor não vale a pena e não faz o mesmo com os homens, logo é comum elas almejem desde cedo o casamento e os homens jovens repeli-lo. Não há nenhum “dispositivo interno” biológico, nada na suposta “essência feminina” que conduza a isso. Prova disso são as transformações ocorridas no século XXI. De acordo com RAGO (op.cit, p.33): “Ser mulher, no século XXI, deixou de implicar necessariamente gravidez e parto, o que traduz uma enorme ruptura com a ideologia da domesticidade.”.

Depois, nessa idealização amorosa, se utiliza até a expressão em

inglês: “the big one”, que poderia ser traduzida como “Um só”, “o cara”, é o que as mulheres buscam incansavelmente em suas vidas. O poder de sedução é a arma utilizada para conquistar o amor ideal. Mais uma vez, o que temos aqui é a idealização romântica do “príncipe encantado”. Essa conquista é marcada por todo um artifício, assim como os homens, as mulheres também acabam realizando uma “idealização masculina” da pessoa perfeita, como no fragmento abaixo:

aquele que será inteligente, másculo, se importará com nossos sentimentos e não nos deixará na mão jamais. (MEDEIROS, 2008, p.212).

Novamente temos uma relação de diálogo com a leitora da crônica – indicado pelo uso dos pronomes na 1ª pessoa plural, que acontece nesse trecho, a partir do questionamento de procurar durante toda uma vida o homem ideal:

Uma tarefa que dá para ocupar uma vida, não é mesmo? Mas além disso temos que ser independentes, bonitas, ter filhos e fingir, às vezes, que somos santas, ajuizadas, responsáveis, e que nunca, mas nunca, pensaremos em jogar tudo para o alto e embarcar num navio pirata comandado pelo Johnny Depp, ou então



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

virar uma cafetina, sei lá, diga aí uma fantasia secreta, sua imaginação deve ser melhor que a minha.

A mulher que é repleta de facetas, e que assume agora na contemporaneidade novos papéis e discursos femininos, em que são “diferentes” dos séculos anteriores. Pois, ela é multifuncional em seu cotidiano, tendo que aparecer pessoas “equilibradas” e assim ser uma mulher santa, e não bancar a “surtada”, ou seja, a mulher doida. Portanto, mais uma idealização da mulher, agora diferentemente da passividade reverenciada no século XIX, a mulher ideal deve ser ativa e se ocupar com múltiplas jornadas, sem descuidar do papel feminino tradicional (ter filhos e manter-se bela).

Na busca dessa independência feminina, hoje, temos uma configuração de abertura do espaço profissional cada vez mais ampla e surpreendente, mostrando que as mulheres conseguiram, ao menos parcialmente, o tal almejado objetivo. A narrativa continua com o seguinte fragmento:

Eu só conheço mulher louca. Pense em qualquer uma que você conhece e me diga se ela não tem ao menos três destas qualificações: exagerada, dramática, verborrágica, maníaca, fantasiosa, apaixonada, delirante. Pois então. Também é louca. E

fascinante.
(MEDEIROS, 2008, p.212)

Nele temos uma mulher louca, e que há características que levam a essa condição de louca. Uma série de adjetivos no feminino que usualmente se atribuem às mulheres. Por fim, o último fragmento a ser analisado de nossa crônica, possui em seu desfecho, uma reflexão para os leitores da escritora Martha Medeiros.

Todas as mulheres estão dispostas a abrir a janela, não importa a idade que tenham. Nossa insanidade tem nome: chama-se Vontade de Viver até a Última Gota. Só as cansadas é que se recusam a levantar da cadeira para ver quem está chamando lá fora. E santa, fica combinado, não existe. Uma mulher que só reze que tenha desistido dos prazeres da inquietude, que não deseje mais nada? Você vai concordar comigo: só sendo louca de pedra. (MEDEIROS, 2008, p. 212-213).

Atenta-se para que as mulheres são sujeitos, que independentemente de sua idade, por mais diferentes que possam ser, estão sempre dando uma “chance” para o amor. Depois encontramos o emprego de letras maiúsculas em: Vontade de Viver até a Última Gota. Para enfatizar o “desejo de aproveitar ao máximo a vida, com tudo que



ela tem a oferecer”.

Na construção desses estereótipos femininos: doidas e santas, ela termina a crônica, criticando as mulheres cansadas, negando as santas, e defendendo as doidas. Assim, vê-se que na verdade final é que: A doida é a Santa. Provando que, na verdade, os conceitos de loucura e santidade são valores culturais que podem e devem ser problematizados.

A respeito de a crônica ser intitulada dessa forma “Doidas e Santas”, deve-se analisar também o emprego do: e; como conjunção aditiva, pois une duas palavras, nesse caso, indicando a esteriotipação dos dois perfis femininos: “As doidas” e “As santas”, que como vimos, são a mesma pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar a crônica, observasse que houve uma valorização da mulher doida. Esse ser que vive intensamente suas alegrias e tristezas, e trás consigo um dos vários lados que ela é, carregando consigo vários “estereótipos” adotados pela sociedade. Dentro de cada mulher, existe um lado doido ou um santo, tornando seres encantadores, são vários lados dessa figura feminina, que vai se modelando conforme os dilemas da vida adulta, e que não importa se predominam um perfil sobre o outro, de fato lá no mais íntimo interior feminino existe espaço para

ambos. Por fim, devemos fortemente acabar com esses estereótipos, pois não é algo lógico e saudável para o tratamento com os sujeitos, pois as mulheres acabam sendo vítimas, mas elas não podem “silenciar” e devem procurar justiça.

REFERÊNCIAS

D’ AMORIM, Maria Alice.

Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1997000300010

Acessado em: 17 de fevereiro de 2016.

MARTINEZ, Marina. **Estereótipo.** Disponível em:

<http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/> Acessado em: 17 de fevereiro de 2016.

MEDEIROS, Martha. **Doidas e Santas.** 38ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014. 232 p.

PEDRO, Joana Maria. **Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978).** Revista Brasileira de História São Paulo, v.26, nº 52, p. 249-272, 2006.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 31-42.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira.** Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3):,272 setembro-dezembro/2006.